

# Medir o tempo e outros poemas

[ *Measuring time and other poems* ]

**Heitor Ferraz Mello<sup>1</sup>**

**RESUMO** • A seção Criação tem por objetivo publicar textos e materiais inéditos de escritores e/ou artistas, fotógrafos, desenhistas, além de documentos inéditos encontrados no Arquivo do IEB-USP. “Medir o tempo e outros poemas” reúne cinco poemas de Heitor Ferraz Mello. Mello é poeta, jornalista e professor na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo. Trabalhou durante muitos anos como crítico de literatura, tendo colaborado em diversos jornais e revistas brasileiras. Publicou, entre outros livros de poesia, *Coisas imediatas (1996-2004)* (MELLO, 2004), *Um a menos* (MELLO, 2009) e *Meu semelhante* (MELLO, 2016). • **PALAVRAS-CHAVE** • Heitor Ferraz Mello; poesia; literatura brasileira contemporânea. • **ABSTRACT** • The

Creation section has the objective of publish unpublished texts and materials by writers and/or artists, photographers, designers, as well as unpublished documents found in the USP IEB Archive. “Measuring time and other poems” gathers five poems written by Heitor Ferraz Mello. Mello is a poet, journalist and professor at *Faculdade Cásper Líbero*, São Paulo. He worked for many years as a literary critic, writing for several Brazilian newspapers and magazines. Mello published, among other poetry books, *Coisas imediatas (1996-2004)* (MELLO, 2004), *Um a menos* (MELLO, 2009) e *Meu semelhante* (MELLO, 2016). • **KEYWORDS** • Heitor Ferraz Mello; poetry; contemporary Brazilian literature.

Recebido em 1 de fevereiro de 2022

Aprovado em 8 de março de 2022

MELLO, Heitor Ferraz. Medir o tempo e outros poemas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 81, p. 179-188, abr. 2022.



DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i81p179-188>

1 Faculdade Cásper Líbero (FCL, São Paulo, SP, Brasil).

## **Coworking**

Devo começar este relato  
Por aqui  
Na mesa de uma padaria  
O Tejo revoltado ao fundo  
Com as caravelas do descobrimento  
Um começo épico  
Para um pão na chapa  
E um café para rebater o sono  
Um astrolábio marrom  
Pintado num escudo de madeira  
E colocado acima de minha cabeça  
Me desorienta  
Logo pela manhã

São apenas memórias  
Relâmpagos de imagens  
Num céu frio e cinza  
Sentado hoje na cozinha de casa  
Nesse outro revés da vida  
Não se trata de um romance  
Apenas notas esparsas  
Desse tumulto maior  
Que é estar parado  
Sem que nada se movimente  
O escorrer contínuo do tempo  
Atolando todos os sentidos  
Como uma veia enfartada

Um painel recobre toda a parede do fundo da padaria  
O *trasunto* de um destino individual  
A borra no fundo de uma xícara de café  
No fundo no fundo  
De um corpo imóvel  
Atado a um conflito que não cabe na presença física

A padaria ficava longe de casa  
Em um bairro distante  
Onde minha filha frequentava uma escolinha  
Para não ter que voltar para casa  
Uma hora de trânsito  
Preferia passar as manhãs por lá  
Deixava-a na escolinha

E ia para a padaria  
Levando minha mochila de tralhas e livros  
Um escritório improvisado  
Um coworking barato  
O preço do café do pão na chapa e um maço de cigarros

Desde que começou a pandemia  
Nunca mais voltei a esse lugar  
Tenho no celular  
Várias fotos do painel do fundo  
Com as caravelas e as águas agitadas do Tejo  
Com o Mosteiro dos Jerônimos  
E alguns versos de Camões  
Era a minha paisagem matinal  
Meu corpo refletido naquelas águas  
Mareado  
Uma aventura trágico-marítima  
Uma aventura de descoberta e destruição  
Relações de acidentes íntimos  
E que não interessam tanto ao relato  
E que interessam tanto ao relato  
Apenas íntimo  
Na enumeração dispersa  
Dos desastres vividos e sem reação  
Deste lugar evasivo  
De mar e fumaça de café  
O corpo capitula

Sempre há um tipo de luto  
Quando se volta a um lugar inóspito  
Como as padarias desta cidade  
(Quase todas iguais com pães iguais e cafés iguais e pessoas iguais)  
Mesmo que tenha um toque épico e português  
Para uma vida prosaica e sem grandes lances  
Mas não era isso que estava pensando  
Quando retornei ao painel da padaria  
Ao astrolábio de minha desorientação

Se retorno, retorno como quem encontra um ponto de onde naufragar  
E despencar nas águas turvas do presente  
Aquele painel apenas testemunha a fragilidade da imaginação  
Por mares intranquilos  
Que saem da parede e desaguam na mesinha de madeira  
Posso sentir o peso da imobilidade  
Da vida que participo e me entrego

Na qual me afogo sem romper as barreiras que me prendem  
Se retorno, retorno a um ponto  
Que gostaria de ser o da mudança  
O momento da dobradiça  
Mas que range, emperra

Talvez este painel seja o momento antes do começo da pandemia  
Quando tudo ainda se acumulava  
Para depois arrebentar  
Nas mãos e na arcada dentária  
Para arrebentar no coração extinto e exausto.

## ***Restauração***

Andamos ali  
Entre aquelas ruínas e puxadinhos

Casas afundadas  
Abaixo do nível da rua

A gramática daquelas casas  
Com pouco espaço  
Vírgulas, entre uma frase e outra  
Para comportar a família numerosa  
Um quadrado para todos os suores  
Todos os prazeres e dores

Convém manter as paredes que rebentaram para fora  
Do desenho original?  
Parece uma língua viva – estropiada e viva  
Que nasce  
Da necessidade única  
De expressar a vida  
A existência a contrapelo.

## ***Medir o tempo***

Gosto quando ele sai pulando pelas estrelas  
Reconstruindo o tempo  
Largando o menino no centro do chão  
Tão pequeno  
Do tamanho de um relógio de pulso  
Na palma da mão

Vejo suas pernas enormes  
Quase de um gigante desengonçado  
Como um país esfarrapado  
O desenho de um país  
Como uma folha mal arrancada do caderno

O tempo pequenino  
Crônica da vida desfeita e refeita  
Quantas vezes morremos?  
As vozes que se cruzam  
Numa armadilha que não consigo acompanhar

É um épico em tamanho menor  
Uma noite que abocanha tudo  
Esse ritmo que absorve  
Para nos entreter com enigmas

A dor se dissolve indissolúvel  
Como borra de café no fundo da xícara  
Como as patas fletidas e tesas  
Dos cavalos quando morrem  
Um último gesto  
No fundo do cinzeiro.

## *Tempo de colher*

Certa vez  
meu pai chegou em casa  
com um garoto espancado  
Lembro-me do garoto espancado  
Não me lembro  
se havia ou não hematomas  
mas o garoto  
tinha sido espancado  
pelo padrasto

\*

Não sei por que  
confundo este dia  
com o dia em que meu pai  
chegou em casa  
com uma cabra  
dentro de uma caixa  
o olho vermelho da cabra  
o pelo áspero da cabra  
dentro de uma caixa

\*

Naquela época  
eu não sabia de garotos  
espancados  
Que os militares também espancavam  
garotos até quase a morte  
ou até matá-los  
para depois  
esquartejá-los  
e espalhá-los pela mata  
como farelos de pão  
para que jamais fossem encontrados  
e caso fossem encontrados  
jamais fossem identificados

\*

Não sei se aquele garoto  
espancado foi espancado por algum militar  
Meu pai nunca me contou  
e hoje já não contaria  
Diria que tudo não  
passou de minha imaginação de garoto  
Que um corretivo  
não faz mal a ninguém

\*

Pode ser que tudo  
não tenha passado de um sonho  
do garoto espancado  
e o olho vermelho de uma cabra.

## ***Uma história de classe***

A única memória  
Construída foi esta:  
A da destruição  
A identidade corrosiva  
De nomes, documentos  
Que hoje chegam digitalizados  
Sem nenhum rastro de vida

A sífilis comeu as vísceras silenciosas das famílias  
As famílias se devoraram  
No mais íntimo ritual de morte  
E assim se perpetuaram

A violência abafada  
Muda  
Corre neste sangue ralo  
Sem esteio

Somos filhos desse tecido  
Dessas mãos crispadas  
Sobre as pernas duras  
De quem já não anda

Mordo por dentro a arcada dentária  
De todos os mortos triturados  
E programaticamente  
Esquecidos.

## SOBRE O AUTOR

**HEITOR FERRAZ MELLO** é jornalista, professor e poeta. Formou-se em Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e é mestre em Literatura Brasileira pela USP, com a dissertação *O rito das calçadas: aspectos da poesia de Francisco Alvim* (MELLO, 2001). Atualmente faz doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada também na USP. Trabalhou muitos anos como jornalista e crítico de literatura, tendo colaborado em diversos jornais e revistas brasileiras. Foi editor da *Revista Cult*, onde também manteve, por um ano, uma coluna de crítica. É professor de jornalismo literário e de língua portuguesa na Faculdade Cásper Líbero. Em poesia, publicou, entre outros livros, *Coisas imediatas (1996-2004)* (MELLO, 2004), *Um a menos* (MELLO, 2009) e *Meu semelhante* (MELLO, 2016), todos pela editora 7 Letras. Coordenou, ao lado do poeta Tarso de Melo, os encontros mensais de poesia brasileira contemporânea “Vozes, Versos”, na Tapera Taperá, em São Paulo.

hmello@usp.br

<https://orcid.org/0000-0001-8357-9748>

## REFERÊNCIAS

MELLO, Heitor Ferraz. *O rito das calçadas: aspectos da poesia de Francisco Alvim*. 283 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura Brasileira). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

MELLO, Heitor Ferraz. *Coisas Imediatas (1996-2004)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

MELLO, Heitor Ferraz. *Um a menos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

MELLO, Heitor Ferraz. *Meu semelhante*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.